

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SABER-FAZER
DOCENTE EM EDUCAÇÃO SEXUAL:
uma intersecção com a psicologia**
**REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION OF TEACHERS'
PRACTICAL KNOWLEDGE IN SEXUAL EDUCATION: a
Psychological Intersection**

Maria Jaqueline Coelho Pinto¹

Bruna Rodrigues Aguiar²

Thaís Christinne dos Santos Ventura³

RESUMO: Este artigo de revisão narrativa da literatura busca levantar reflexões sobre a formação docente em interface com a educação, sexualidade e psicologia. A partir da contextualização sobre o saber-fazer de professores, conceituação e descrições de significados referentes à sexualidade humana e ao gênero e, posterior entendimento acerca desses saberes na formação docente atual. Um currículo de formação de educadores é um processo a se construir e, deve desvelar aspectos fundamentais da diversidade humana para contribuir de forma emancipatória com essa formação. A sexualidade é um tema ainda bastante controverso, envolto de tabus e preconceitos, mas inerente à vida e a saúde, sobretudo a educação sexual, uma potente ferramenta de ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana e, de transformações sociais. Inúmeros discursos buscam sua apropriação, como o religioso, o científico, o pedagógico, o médico, quando na verdade, deve ser apropriado pelos sujeitos em suas vivências.

Palavras-chaves: Sexualidade, educação sexual, docência, formação de educadores, psicologia.

ABSTRACT: This narrative literature review article seeks to raise reflections on teacher training at the interface of education, sexuality and psychology. From the contextualization of teacher know-how, conceptualization and descriptions of meanings related to human sexuality and gender, and subsequent understanding of this knowledge in current teacher training. An educator training curriculum is a process to be built and must unveil fundamental aspects of human diversity in order to make an emancipatory contribution to this training. Sexuality is still a controversial subject, shrouded in taboos and prejudices, but it is inherent to life and health, especially sex education, a powerful tool for teaching and learning about human sexuality and for social transformation. Numerous discourses seek to appropriate it, such as the religious, the scientific, the pedagogical, the medical, when in fact it must be appropriated by the subjects in their experiences.

Keywords: Sexuality, sex education, teaching, training of educators, psychology.

¹ Psicóloga. Doutora em Ciências pela FFCLRP/USP. Docente da Faculdade de Medicina de Rio Preto – FAMERP. E-mail: psijaqueline@famerp.br

² Psicóloga. Mestranda do PPG em Psicologia e Saúde da Faculdade de Medicina de Rio Preto – FAMERP. E-mail: brunaaguiar1789@hotmail.com

³ Psicóloga. Mestranda do PPG em Psicologia e Saúde da Faculdade de Medicina de Rio Preto – FAMERP. E-mail: psicologathaisventura@gmail.com

INTRODUÇÃO

A formação de professores para o ensino superior é um processo que exige uma preparação ampla e aprofundada, pois combina duas dimensões essenciais: a pesquisa acadêmica e a prática docente. Nesse contexto, programas de especialização, mestrado e doutorado desempenham um papel fundamental ao fornecer: embasamento teórico e metodológico. O professor em formação busca por conhecimento de um tema de interesse acadêmico, assim como, por disciplinas nos programas de pós-graduação, que se intercalam em diferentes áreas e objetivos de estudo, visando instrumentalizar os profissionais para atuarem em variados níveis de ensino. Esse processo é complexo, especialmente no campo das humanidades. No Brasil, por meio de programas de incentivo ao ingresso no ensino superior, como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI), houve uma expansão e uma ampliação do acesso, favorecendo a continuidade do processo de formação de grande contingente de estudantes (Tachibana, Filho e Komatsu, 2015). Na pós-graduação, ocorreu um crescimento na oferta de programas *Stricto Sensu*, impulsionado tanto por incentivos governamentais, tais como as bolsas de estudo, quanto pelas exigências para que as Instituições de Ensino Superior (IES) atinjam o status universitário. Além disso, verificou-se uma demanda crescente da sociedade por níveis mais elevados de escolarização, considerado como diferencial competitivo no mercado de trabalho (Cirani, Campanario e Silva, 2015).

A Portaria nº 76/2010, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), estabelece que o estágio de docência deva integrar a formação do pós-graduando, com o objetivo de prepará-lo para a carreira docente e de aprimorar a qualidade do ensino na graduação (Brasil, 2010). Contudo, diante das exigências e desafios do ensino superior, essa medida é insuficiente, sendo necessária a inclusão de componentes curriculares que promovam uma integração mais profunda entre a fundamentação teórica do curso e a formação prática voltada para a docência no ensino superior (Gadelha de Lima e Leite, 2019). Alves, Giacomini, Teixeira, Henriques e Chaves (2019), apontam que os cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*, possuem como finalidade principal o avanço da pesquisa científica, bem como um meio de formação para docentes universitários. As autoras salientam que a ênfase em competências específicas para o

desenvolvimento de pesquisas científicas em diferentes campos abrange temas que, muitas vezes, não incluem aspectos relacionados às habilidades requeridas para o exercício da docência, dificultando a capacitação e a experiência prática adequada para a atuação como professores.

Entretanto, deve-se considerar o processo de tornar-se educando/educador como uma construção que não se restringe somente ao ambiente acadêmico, pois este processo atravessa a história de vida dos sujeitos. Na perspectiva de Figueiró (2018) a maioria das pesquisas científicas relacionada à temática da sexualidade e à educação sexual geralmente possui uma fundamentação teórica voltada diretamente para o tema, mas a autora aponta a necessidade de incluir outros pilares de sustentação que ampliam o horizonte de reflexões. Ainda, poderia favorecer avanço significativo, não apenas para repensar seus próprios tabus, mitos, preconceitos e valores pessoais, mas também como uma forma de reeducação frente à deseducação a qual somos submetidos (Figueiró, 2018). O presente artigo busca levantar reflexões sobre a formação para a docência e articular com o saber-fazer docente em educação sexual, estabelecendo uma relação com o campo da psicologia. A pesquisa se compõe a partir de uma revisão narrativa da literatura.

A PSICOLOGIA E OS SABERES EM TORNO DO SER HUMANO

O fato de o “objeto” de trabalho do psicólogo ser o ser humano pressupõe – minimamente – a compreensão de múltiplos atravessamentos desse objeto. Como aponta Turato (2003), “o pesquisador do ser humano lida com variáveis rebeldes”. Questões como raça, sexualidade, gênero, cultura, classe, sociedade, economia, política, subjetividade, entre outros, são comumente excluídas de debates e reflexões ou estudadas de forma isolada de contextos sociais. De acordo com Lima (2013), é por meio da educação que os indivíduos, enquanto membros de uma determinada sociedade se identificam como pertencentes a uma determinada cultura, a um determinado espaço e encontram mediante tais saberes (“sujeitados”, técnicos ou eruditos) uma forma de significar a sua vida, a sua existência (Lima, 2013). Variáveis que comumente são ignoradas para atender um discurso vigente ou uma metodologia restrita para alcançar a todo custo à ciência denominada “neutra”. Tendo em vista esses aspectos destaca a relevância de investigar a formação dos futuros professores, especialmente aqueles que têm a responsabilidade de formar

psicólogos e, eventualmente, outros professores. Já, que, determinadas variáveis importantes não são abordadas nos espaços de discussão durante a formação, logo, pode-se considerar que isso pode resultar na reprodução de processos de exclusão. Apesar de inválidos nos espaços científicos, os saberes “sujeitados”, e os saberes de uma educação informal podem muito contribuir com os sujeitos na constituição de si (Lima, 2013).

Ao analisar o processo educacional dentro da formação acadêmica, é válido ressaltar que em muitos aspectos dos conteúdos propostos, há a ausência de uma abordagem humanística nos currículos acadêmicos o que pode resultar na formação de profissionais sem preparo para lidar futuramente com a diversidade e complexidade humana em suas práticas de forma humanizada. Ao refletir sobre o termo humanizado ou humanização da profissão, fala-se da importância de um olhar integral ao sujeito e suas subjetividades. Trabalhar esse aspecto na profissão permite que todos os envolvidos possam compreender que o processo faz sentido tanto para quem recebe o cuidado quanto para quem faz, aprimorando assim a construção profissional e pessoal dos envolvidos (Cid, Dias, Benincasa e Martins, 2018). Repensar o processo de formação em psicologia, especialmente nos cursos de pós-graduação, é olhar para o futuro formador de novos profissionais que virão com demandas urgentes de cuidado integral, abrangência do olhar subjetivo e plural, promoção da saúde, entre outras demandas dentro da esfera biopsicosociocultural que tanto nos é apontado durante toda nossa trajetória acadêmica, mas que tem sido desconsiderada quando observamos os aspectos humanitários desse saber.

Refletindo mais a fundo sobre as questões humanitárias do ensino, acredita-se que a temática sendo ela transversal, deve passar por todo o processo de ensino e aprendizagem que implica em debater questões políticas, relacionais e históricas para o cotidiano desses estudantes, promovendo uma formação mais integral e crítica. Lima (2013), ao citar Nietzsche, reforça a ideia de que o professor é quem traz a luz ao saber do aluno. Nesse sentido, sendo ele o detentor do saber, pode exercer uma influência sobre o processo de ensino e aprendizagem, inclusive promover um saber mais crítico e analítico. Saber que se potencializa quando o aluno é ativo em seu processo de aprendizagem. Hooks (2017), enfatiza a importância do diálogo e da interação horizontal entre professor e aluno, promovendo uma troca de conhecimentos que respeite as diferenças culturais, raciais e de gênero. Essa abordagem busca não apenas ensinar conteúdos acadêmicos, mas também

fomentar um pensamento crítico e emancipador, que permita aos alunos questionar estruturas opressoras e transformar suas realidades. De acordo com Cid et al. (2018), a formação do profissional da psicologia ainda está pautada no modelo biomédico e tecnicista de cuidado, observando meramente o adoecimento, o que afeta o sujeito, sem pensar no cuidado global e integral da pessoa. Os autores ressaltam a deficiência do conteúdo programático na formação acadêmica e como ainda é repassada essa visão do sujeito apenas dentro da esfera psíquica sem considerar outros contextos inerentes ao ser humano. Dessa forma, ao considerar a formação acadêmica na pós-graduação, torna-se evidente que, se não houver uma mudança de visão para uma educação voltada para outras formas de pensar, corre-se o risco de continuar retroalimentando um modelo de ensino mecânico e altamente defasado, no qual o pensamento crítico e global do saber, não é posto em prática.

Do ponto de vista político e social, é de grande relevância a inclusão de temas específicos na formação docente, que tragam a compreensão do sujeito em sua integralidade, numa perspectiva interseccional permitindo identificar as especificidades de grupos que vivenciam múltiplas formas de opressão simultaneamente. Os impactos na vida e na saúde mental, sofridos desde a invasão portuguesa, permanecem refletidos até os dias atuais, especialmente entre as populações indígenas e negras, historicamente marginalizadas. Por isso, é fundamental que a sociedade, como um todo, compreenda esses aspectos e se comprometa a trabalhar diariamente para minimizar esses impactos e analisar como esses marcadores sociais – o racismo, o patriarcado, a opressão de classe, e de sexualidade interagem entre si, mantidos pelo sistema de dominação capitalista/colonialista (Borret, et al. 2021). Neste sentido, a educação tem o papel fundamental auxiliar seus educandos a compreender as diferenças existentes entre a diversidade sexual e de gênero, raça/etnia e classe para promover equidade e uma educação mais inclusiva.

PSICOLOGIA E O OLHAR PARA DIVERSIDADE

Um dos principais aspectos sobre a importância de se falar da aprendizagem em diversidade é que o saber é complexo e difuso. A diversidade sexual é ampla e os aspectos sobre racialidade e deficiência são pouco discutidos, trazendo a compreensão de que nem

todos os docentes possuem compreensão neste nível de conhecimento para difundir os saberes aos seus educandos. Raimondi et al. (2021) aponta sobre os docentes trazerem o tema da sexualidade em algum momento do ensino, mas o grande desafio tem sido abordar o tema fora das normatividades que a sociedade impõe, então é possível compreender que, o viés social e discriminatório, ainda são tabus a serem rompidos inclusive no meio acadêmico, pois levando esse mesmo olhar social discriminatório para as salas de aula, a chance desses educandos também reproduzirem esse papel de hostilidade, é muito grande. Outro desafio se refere a formação no campo da saúde LGBTQIA+, o desconhecimento e estudo voltado às especificidades desta comunidade é o que tem impedido o acesso das pessoas aos cuidados em saúde física e mental. Grande parte desta população já vivenciou alguma experiência negativa no seu atendimento ou mesmo questões de violência em relação as suas características de gênero ou sexualidade, fazendo com que o retorno aos serviços médicos tenha sido reduzido ou quase inexistente. Outra barreira de acesso encontrada por essa população é das instituições formadoras, especificamente, pessoas trans que, devido a discriminação, ao preconceito e, ao estigma social que sofrem desde o ensino fundamental, encontram dificuldade em adentrar em uma universidade, atitudes que inviabiliza e exclui aqueles que vivem a diversidade sexual e de gênero.

No Brasil, não existe cursos que trate com afinco as questões de gênero e sexualidade, ou mesmo dentro das grades dos cursos de saúde e educação. De acordo com Raimondi (2021), não há obrigatoriedade dessa temática na formação e quando é apresentada aos discentes em algum momento do curso, a carga horária é mínima e poucos abordam de forma não normativa durante os anos de formação, fazendo com que os profissionais da saúde como todo, mas especificamente os da psicologia, saem de suas formações e especializações sem a competência adequada para tratar as demandas necessárias de cada uma das necessidades da população LGBTQIA+. Em 2006, a Organização Mundial da Saúde (OMS) comunicou a importância da temática nos cursos de saúde e o quanto a aprendizagem e conhecimento sobre a temática reduz a desigualdade e promove saúde e direitos à essa população. Na formação para a diversidade racial, podemos verificar também uma grande deficiência de conteúdos e saberes a serem transmitidos dentro da formação antirracista ou até mesmo sobre racialidade. Muitos fatores contribuem para que esse tipo de conteúdo não seja visto ou mesmo estudado,

inicialmente pensando nas estruturas sociais que favorecem a branquitude e os conteúdos colonialistas, perpassando pela falta de conhecimento a cerca do assunto. A formação curricular desde os primeiros anos educacionais só se recorda das datas relacionadas à racialidade em épocas comemorativas e à medida que os níveis de formação vão avançando, essas datas vão ficando no passado e não há espaço para o debate sobre negros e indígenas. Na graduação e na pós-graduação, também não há nenhuma diretriz curricular que abarque essas questões de forma específica ou obrigatória, e a temática vai deixando de ser vista, pois não há espaço para pensar no adoecimento desta população. O documento “Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais” prevê alguns tópicos específicos para o estudo de racialidade com base na formação básica escolar, e que pode ser utilizada em outras esferas da educação. Os tópicos descritos são: Projeto Político Pedagógico, Currículo, Política Educacional, Identidade e Linguagens. A partir de cada item, o documento oferece referências bibliográficas sobre o assunto que podem ser aproveitados a partir de temáticas específicas (Cavalleiro, 2006). Quando buscamos o saber em torno da pessoa com deficiência e o quanto avançamos na educação inclusiva, Tavares et al. (2016) afirma que, muitos profissionais buscam na pós-graduação informação que os capacite na atuação inclusiva e abarque as questões sobre a consciência formativa diante da inclusão. É notório que, a falta de conteúdos teórico-práticos dificulta ainda mais o acesso a prática efetiva e ativa diante de tantas questões sobre pessoas com deficiência e suas especificidades. A falta de conhecimento específico sobre o assunto faz com que a prática profissional fique ainda mais distante do fazer psicológico humanitário, e mesmo os profissionais que buscam alternativas para uma atuação efetiva, ainda se deparam com conteúdos deficitários e falta de recursos básicos do saber institucional sobre o tema.

Em 2014, foi definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que todo profissional formado deve possuir conhecimento e “deve considerar as dimensões da diversidade biológica, subjetiva, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, socioeconômica, política, ambiental, cultural, ética e demais aspectos que compõe o espectro da diversidade humana que singulariza cada pessoa ou cada grupo social” (Raimondi et al, 2021, p.). Observando esse aspecto e todos os tópicos que foram discutidos neste documento sobre o ensino e aprendizagem acadêmico da diversidade, acredita-se que fica notório o quanto estamos ainda engatinhando lentamente na discussão

dentro do ambiente acadêmico e o quanto se faz necessário e urgente que essas discussões encontrem outras esferas, especialmente dentro das áreas de especialização e formação de novos docentes. Enquanto educandos, a busca pelo conhecimento deve fazer parte da formação e isso inclui cobrar dos docentes que outros pontos sobre o tema sejam levantados e que a diversidade seja pautada no dia a dia da formação profissional. Aos docentes fica urgente e claro o quanto ainda é necessário a atualização constante, a apresentação dos conteúdos de diversidade de forma ampla e a busca pelo conhecimento específico e integral, especialmente em temáticas transversais e de integração longitudinal. Cavalleiro (2006) propõem sobre a importância do respeito e o reconhecimento das diferenças afim de que se fale se possa falar abertamente sobre as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos incentivos de programas e resoluções para a formação no ensino superior, há lacunas significativas que ao serem reproduzidas causam exclusão, sobretudo ao de tratar de racialidades, sexualidade, pessoas com deficiência e demais questões que compõem a diversidade humana. Paradoxalmente, a formação em ensino superior busca formar profissionais, pesquisadores e/ou docentes capacitados para atuar de forma crítica e ativa em suas realidades, porém formas limitadas e tradicionais de educação não abarcam a complexidade do ser humano, que possui em sua própria trajetória de vida saberes e aprendizagens que complementam e ao mesmo tempo ultrapassam a educação formal. Paradoxalmente, também, a psicologia sendo um campo profícuo para fomentar saberes múltiplos e ancestrais como potência para uma educação transformadora, se reduz a formas cartesianas e convencionais de reprodução de teorias. Dessa forma, com o intuito de levantar reflexões em torno a construção do saber-fazer docente em educação sexual interseccionar com a psicologia, ressalta-se a importância de considerar a diversidade humana e a potência que uma educação cujos educadores e educandos possam ser ativos e movimentem-se na direção de construções de saberes-fazer em detrimento de silenciamentos reprodutores de exclusão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Larissa Roberta et al. Reflexões sobre a formação docente na pós-graduação. Ribeirão Preto – SP. Escola Anna, 2019.

BORRET, Rita Helena et al. Vulnerabilidades, interseccionalidades e estresse de minorias. Saúde LGBTQIA+ práticas de cuidado transdisciplinar. São Paulo. Editora Manole, 2021.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Portaria nº 76 de 14 de abril de 2010. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010.

CAVALLEIRO, E. **VALORES CIVILIZATÓRIOS**: Dimensões históricas para uma educação anti-racista. In: **BRASIL**. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília. SECAD, 2006.

CIRANI, Claudia Brito Silva; **CAMPANARIO**, Milton de Abreu; **SILVA**, Heloisa Helena Marques da. **A EVOLUÇÃO DO ENSINO DA PÓS-GRADUAÇÃO SENSO ESTRITO NO BRASIL**: análise exploratória e proposições para pesquisa. Campinas. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, 2015.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **EDUCAÇÃO SEXUAL**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba. CRV, 2018.

GADELHA DE LIMA, José Ossian; **LEITE**, Luciana Rodrigues. **RELAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO INICIAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE QUÍMICA**: o estado da questão. Rio de Janeiro. Revista de Educação, Ciências e Matemática, 2019.

HOOKS, Bell. **ENSINANDO A TRANSGREDIR**: a educação como prática da liberdade. São Paulo. Martins Fontes. 2017.

NOGUEIRA, Adrinelly Lemes; **BORGES**, Maria Célia. A BNC-Formação e a Formação Continuada de professores. Araraquara: Revista on-line de Política e Gestão Educacional, 2021.

VIEIRA, Maria Nilceia de Andrade. **CONQUISTAS E DESAFIOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA**: diálogos com o plano municipal de educação de Vitória-ES. Rio de Janeiro. Anais do Seminário Nacional de Formação de Professores, 2022.

RAIMONDI, Gustavo Antônio; **HERCOWITZ**, Andreia; **CIASCA**, Saulo Vito; **JUNIOR**, Ademir Lopes. Saúde LGBTQIA+ práticas de cuidado transdisciplinar. São Paulo. Editora Manole, 2021.

TURATO, Egberto Ribeiro. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2003.

LIMA, Adenaide Amorim. A constituição do sujeito através dos saberes sobre si. São Luís, Maranhão. Revista Húmus, 2013.

TACHIBANA, Thiago Yudi; **MENEZES FILHO**, Naercio; **KOMATSU**, Bruno Kawaoka. Ensino superior no Brasil. São Paulo. Insper Policy Paper, 2015.

TAVARES, Lídia Mara Fernandes Lopes; **SANTOS**, Larissa Medeiros Marinhos dos; **FREITAS**, Maria Nivalda Carvalho. **A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**: um Estudo sobre Formação Docente. Marília – SP: Revista Brasileira de Educação Especial, 2016.